

CARLOS NAMBA

Descoloridas casas de garimpeiros se espalham pela paisagem lunar da Serra Pelada. Todos querem bamburrar

Especial

CEDI - P. I. B.
DATA 31/12/86
COD.

REPORTAGEM DE CAPA

A serra dourada

Um velho sonho vira realidade: uma jazida no meio da mata do Araguaia já deu 560 quilos de ouro em 15 dias e promete render por mais um ano

Há ouro na Amazônia, e uma parte dele foi descoberta. Dos áridos barrancos da Serra Pelada, ao sul do Pará, perto de Marabá, saem no momento 26 quilos de pó e pedras amarelas por dia. À cotação da Bolsa de Londres — 568 dólares por 31,1 gramas na semana passada —, esse ouro vale quase meio milhão de dólares, perto de 25 milhões de cruzeiros, ou 15 000 barris de petróleo, o equivalente ao que produz o campo de Garoupa, no litoral do Estado do Rio. A cada dia, 20 000 pessoas cavam na serra e a transformam numa estranha paisagem lunar.

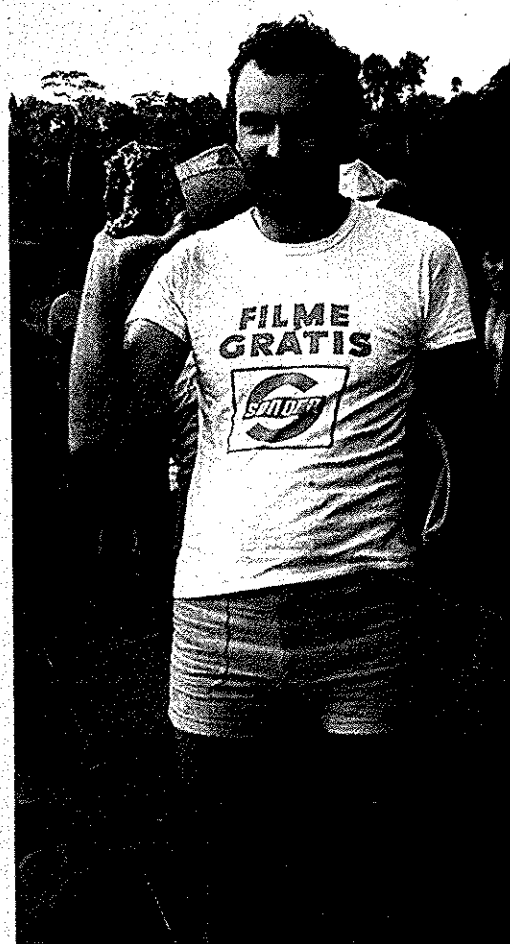
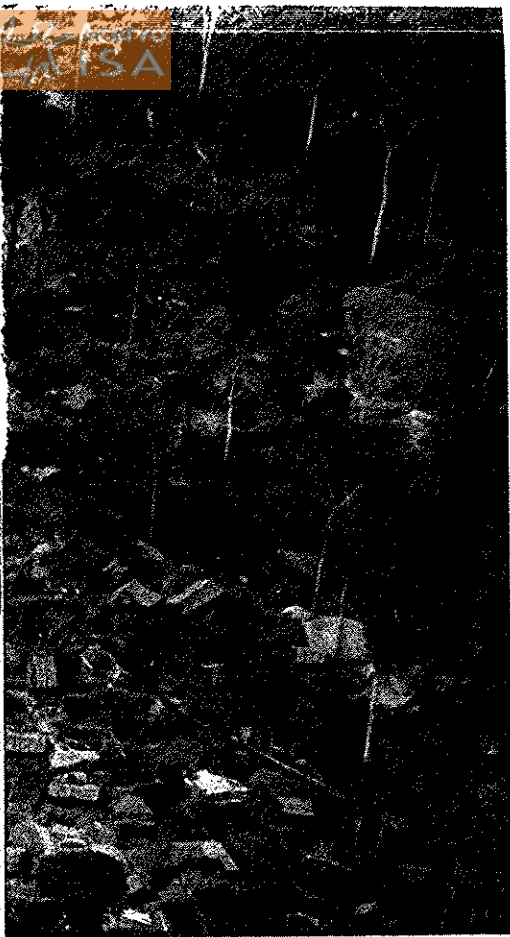
Desde fevereiro, quando o murmúrio começou a correr pelo mundo

do garimpo, chega-se ao Araguaia com uma só idéia: *bamburrar*, expressão que os garimpeiros usam para designar o enriquecimento com o ouro.

Quem bamburrou por ali há pouco tempo, chamando a atenção do país para aquelas longínquas brenhas, foi, por exemplo, José Lino Cavalcanti, um nordestino que chegara à serra em abril. Ele achou uma pepita de 6,7 quilos — uma das maiores de que se tem notícia. Houve dia, em Serra Pelada, em que o quadro da produção chegou a registrar 44 quilos, cerca de 800 000 dólares pelos preços internacionais. "Quando Deus quer, é assim mesmo", explicava na quarta-feira o maranhense João dos Santos Dantas, de 32 anos,

um garimpeiro inexperiente que há vinte dias não sabia sequer lavar as pedras e, em dois dias, bamburrou. Achou 2,6 quilos de ouro em pó, botou 1,23 milhão de cruzeiros no bolso e foi para o asfalto procurar negócios, festas e mulheres.

COMPRADOR EXCLUSIVO — O caminho para a antiga quimera de encontrar muito ouro nas matas do norte do Brasil aproximou-se da realidade há cerca de um ano, quando funcionários da Rio Doce Geologia e Mineração S.A. (Docegeo), uma subsidiária da Companhia Vale do Rio Doce, passaram pela serra medindo jazidas de ferro. Passaram pelo ouro e foram em fren-



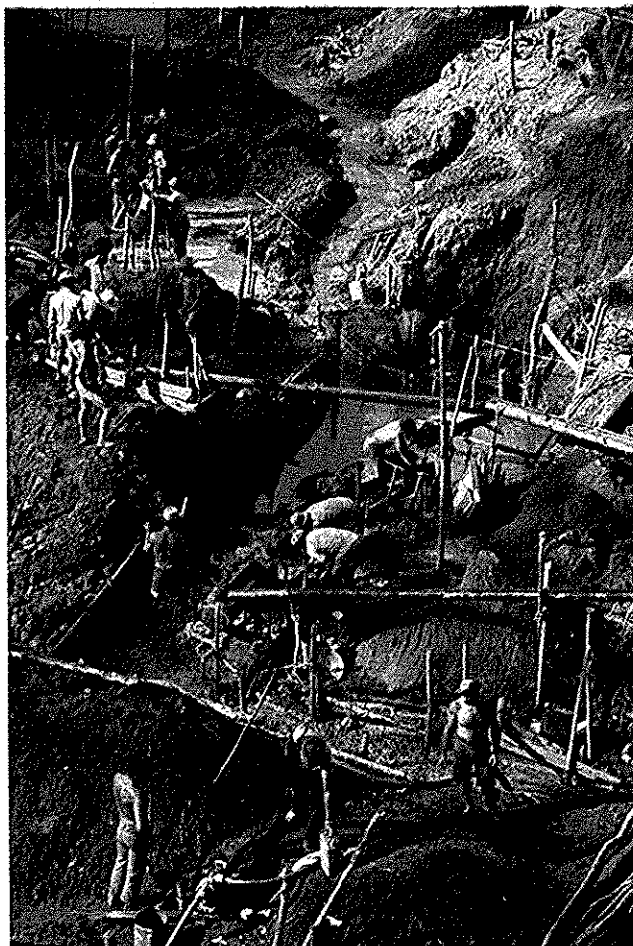
Uma pepita com quase 7 quilos

te, até que meses depois uma das tropas de garimpeiros que vagam pelo Brasil em busca das fortunas da terra bateu na jazida. Entre esse dia e 21 de maio, quando o governo federal interveio na região, calcula-se que tenha saído de Serra Pelada 1 tonelada de ouro.

Desde o dia 21, segundo a contabilidade da Docegeo, transformada no comprador exclusivo do ouro, cotado nas barracas a 600 cruzeiros o grama, a Serra Pelada produziu 560 quilos. Se esse ritmo puder ser mantido, a jazida

partir de quem o fenômeno ligou-se diretamente ao Palácio do Planalto e ao Conselho de Segurança Nacional. Graças a esse interesse, evitou-se que sucedesse com essa jazida o que parece ter sucedido a outras, menores, descobertas nas últimas décadas: a exaustão da terra pelo contrabando e a exaustão dos garimpeiros pela ação dos atravessadores.

Há dez dias, quando o ministro César Cals, feliz, comunicou ao presidente João Figueiredo a descoberta da pepita de quase 7 quilos, o governo já tinha ponderadas estimativas do valor do ouro da serra. Sabe-se que, como a maior parte do ouro brasileiro, ele é de aluvião, ou seja, está geologicamente depositado numa camada superficial do terreno e, portanto, depois de explorada essa camada, exaure-se a riqueza. Estima-se em Brasília que a jazida possa render por um ano talvez, com o ritmo de produção atual. "Trata-se de uma mina altamente promissora, a julgar pelas informações conhecidas", diz Johann Frederick Pretorius, embaixador da África do Sul no Brasil. "Tratando-se de uma jazida de aluvião, os custos de exploração são extremamente baixos. Na África do Sul, onde as jazidas estão abaixo da superfície, uma mina, pa-



FOTOS CARLOS NAMBA

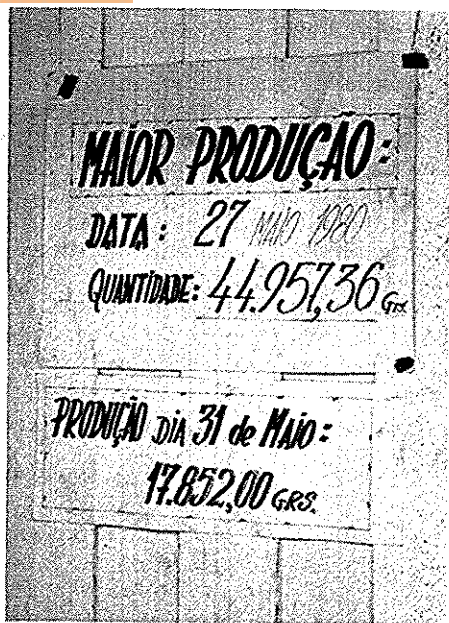
Diariamente, 20 000 homens cavam a terra

produzirá em um ano cerca de 12 toneladas de ouro. Segundo um estudo do Ministério das Minas e Energia, o Brasil produziu no ano passado 9,5 toneladas.

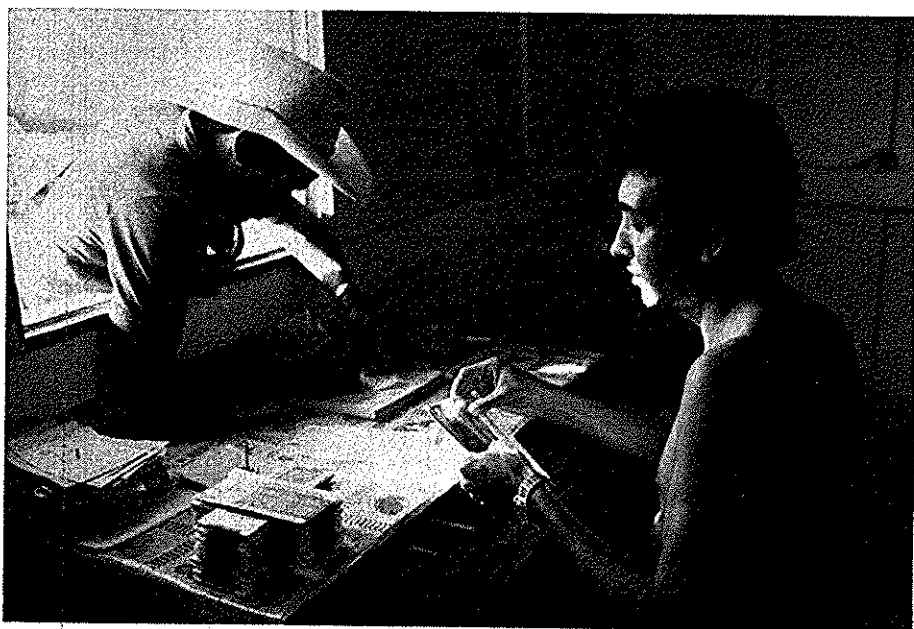
Se os garimpeiros acharam a serra em janeiro, o governo achou o valor da jazida meses depois, através de lances discretos. Poucos são os que se lembram, nos primeiros tempos da exploração, de um atento comerciante que passou pelo campo perguntando mais do que comprando. Na verdade, não era um comerciante, mas um observador do Serviço Nacional de Informações a

ra ser explorada, exige investimentos que vão de 300 a 500 milhões de dólares, pois às vezes desce-se a 2 000 metros abaixo do nível do chão."

Mesmo que Serra Pelada mantenha os padrões atuais de produção, o Brasil não se tornará um grande vendedor de ouro, pois suas 12 toneladas de produção anual são uma bijuteria se comparadas às 800 toneladas sul-africanas. No entanto, num país com o balanço de pagamentos sufocado, 12 toneladas de ouro ajudam. Em primeiro lugar, porque só essa produção poderá fazer com que este ano o Brasil deixe



FOTOS CARLOS NAMBA



Com altos e baixos, 26 quilos...

de comprar as 5 toneladas importadas em 1978 e, ainda assim, sobrem-lhe outras 7 para guardar como reservas ou para vender. "Essa descoberta não altera a situação do balanço de pagamentos do país", adverte o ministro do Planejamento, Antônio Delfim Netto, que vê Serra Pelada através de um otimismo mais prático: "o de tão esperada ordenação nas negociações com ouro naquela região".

ESQUEMA FEDERAL — A ordem foi estabelecida graças a três lances do governo. Primeiro abriu-se uma agência da Caixa Econômica para exercer, em nome da União, o direito de comprar o metal. Em seguida, montou-se um mercado da Companhia Brasileira de Alimentos, que vende comida aos garimpeiros a preços honestos. Finalmente, assegurou-se a segurança da região com o envio de uma equipe da Polícia Federal. Estes policiais, desde a semana passada, procuram impedir a invasão do local por novas levas de garimpeiros. Todo o esquema federal de Serra Pelada liga-se diretamente a Brasília, e mais precisamente ao Palácio do Planalto, através do único meio de comunicação existente na área, um transmissor de rádio.

O governo trata de Serra Pelada com uma mistura de confiança e sigilo. O presidente da Caixa Eco-

nômica, Gil Macieira, responsável pela concepção do esquema financeiro que obstruiu o caminho dos contrabandistas, não gosta de falar no assunto. Tem que haja um êxodo em direção ao Araguaia.

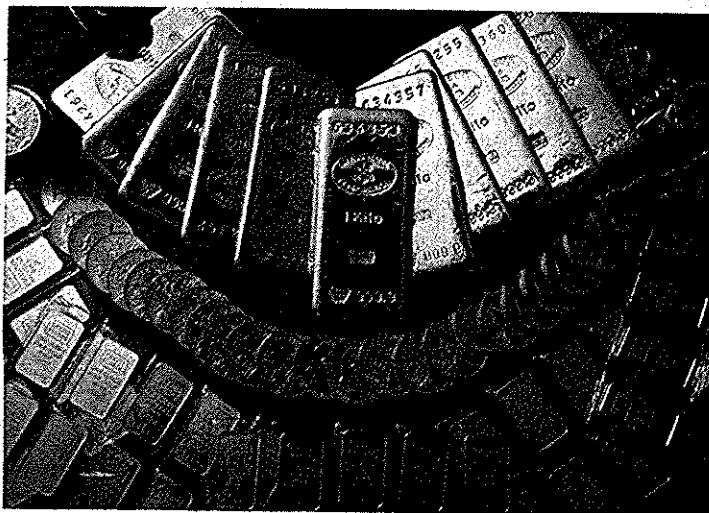
Outros conhecedores dos relatórios da jazida orgulham-se dos resultados conseguidos e discretamente informam que em pelo menos um outro ponto do país começa-se a armar semelhante esquema em torno de um campo de aluvião. Informa-se apenas que ele está em Rondônia.

Afinal, a discrição vai bem quando se sabe que uma "história de garimpo" é perfeito sinônimo para mentira. Os garimpeiros mentem quase sempre, sobretudo quando são bem-sucedidos e, então, literalmente escondem o ouro. Foi precisamente isso que fez José Li-

...são vendidos, em média, por dia, nos guichês da agência da Caixa

no Cavalcanti quando achou sua superperpita, em companhia dos sócios Deoclides Alberto de Lima e o "Cabo Maurício". Eles simplesmente enterraram a pedra e não disseram uma só palavra por dez dias. Outro garimpeiro, o gaúcho Sérgio Fernandes, de 27 anos, que deixou o curso de medicina em Porto Alegre e atravessou o país para subir a serra, recusa-se a dizer quanto ouro achou. Concede uma só indicação quando confessa que ficará no campo mais duas semanas e, depois, "vou dizer o que ganhei só ao imposto de renda". Sérgio, cujo tipo físico contrasta com os traços caboclos da maioria dos garimpeiros, conseguiu também cultivar hábitos contrastantes em relação aos demais. Na sua barraca, por exemplo, há sempre água mineral gelada. Parece pouco, mas tanto água mineral quanto gelo só chegam a um garimpeiro de Serra Pelada se ele tiver dinheiro para pagar o transporte, de avião desde Marabá.

Os garimpeiros sabem que os 600 cruzeiros pagos pelo governo na boca da jazida por cada grama de ouro valem 1.600 em São Paulo, mas sabem também que é mais fácil morrer no caminho com os bolsos cheios de ouro que chegar a São Paulo para bamburrar no asfalto. Os 20.000 que esburacam Serra Pelada trabalham atualmente com uma vora-



DIRK HALSTEAD/GAMMA

Desde a crise de 1973, o ouro subiu mais do que o petróleo



CARLOS NAMBA

Deoclides: em Marabá, sovina

cidade compreensível. Eles temem que em julho, com a chegada das chuvas, tenham que parar o serviço e deixar o campo. Com os temporais, é possível que seja interrompido o abastecimento da região, entregue à Força Aérea, e há a suspeita de que quem sair não poderá voltar. Por isso, são muitos aqueles que pretendem ficar em seus barracos, debaixo de chuva e comendo pouco, à espera da estiagem e, sobretudo, de notícias mais precisas a respeito da generosidade de outros garimpos próximos.

REPUTAÇÃO DE SOVINA — Antes que as licenças para novos garimpeiros fossem suspensas, em meados de maio, a média de migrantes para Serra Pelada subia a 1 000 pessoas por dia, que chegavam em caminhões dispostos a atravessar picadas a pé ou no lombo de animais. Vinham atraídos pelas histórias de ouro, resumidas na lenda que cerca a figura de um misterioso “Ceará”, um nordestino de 35 anos que teria passado pela região com um grupo de cinco pessoas e, achando ouro, tirou o que pôde sem avisar ninguém. Seja quem for esse Ceará, repetiu a velha tradição do garimpo brasileiro, iniciada no fim do século XVII, quando o paulista Manuel Borba Gato achou ou-

O mapa da mina na Amazônia

Garimpeiros esperam achar mais riquezas na Serra Cabeluda, às margens do rio Itacaiúnas

Serra Pelada não existe nos mapas. É uma montanha no espinhaço leste do maciço dos Carajás, no Pará. Chega-se ao garimpo por 4 000 cruzeiros em 15 minutos de voo em pequenos aviões, que partem da cidade de Marabá. 500 quilômetros ao sul de Belém. Por terra, há uma estrada precária que vai até um ponto distante 28 quilômetros da jazida. Essa distância só é vencida por caminhões capazes de atravessar uma picada aberta na mata há poucas semanas.

A área do garimpo tem cerca de 4 quilômetros. Está dentro da Fazenda Três Barras, de propriedade de Genésio Ferreira, um mineiro de Abaeté, com 55 anos, doze filhos e dez netos, que alugava a terra em troca de um décimo da produção dos garimpeiros, até a chegada das autoridades federais, a quem devolveu 14,5 quilos de ouro extraídos sem licença.

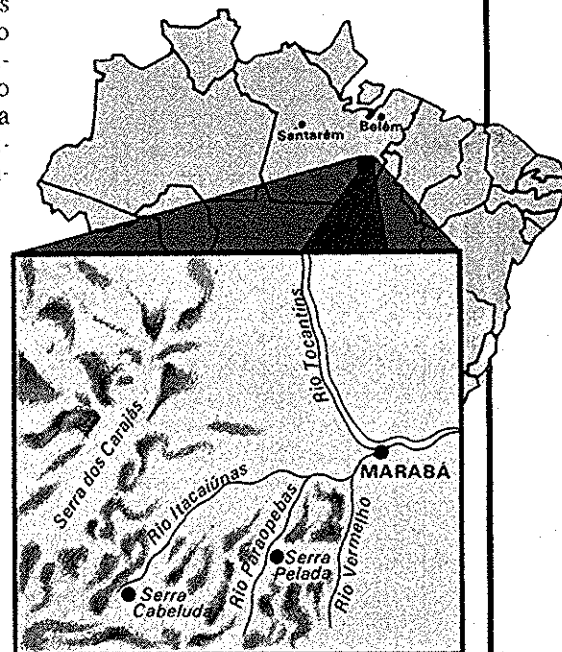
O ouro da Serra Pelada, como o de todas as jazidas de aluvião, é encontrado na superfície da terra ou a pequenas profundidades. Lá, o ponto mais cobiçado é a Grota Milionária, onde foi encontrada a pepita de quase 7 quilos. Três quilômetros além da Grota, há um apêndice do garimpo de Serra Pelada, na localidade chamada Sereninho. Enquanto o governo acredita que a jazida da serra tenha ouro para garantir a extração por mais um ano, os garimpeiros garantem que mais ao sul, às margens do rio Itacaiúnas, numa área batizada de Serra Cabeluda pelas mulheres impedidas de viver na mina, há um filão maior.

RESERVA DE COBRE — Lavadeiras já recolheram alguns grammas enquanto trabalhavam no rio, mas o garimpo está proibido na área.

Itacaiúnas fica a 20 minutos de voo de Serra Pelada e a dois dias de barco de Marabá, numa viagem em que é preciso contornar três cachoeiras. Segundo um

dos mais ativos pilotos da região, José Altino, 47 anos, um mineiro de Governador Valadares que ganha 364 000 cruzeiros por dia quando seus três aviões fazem a rota entre a Serra e Marabá com a lotação esgotada na ida e na volta, “é no rio Itacaiúnas que se vai bamburra”.

Até o dia 17 de maio, quem pedisse podia ir para qualquer lugar, com exceção da Serra Pelada. No dia 29, porém, o governo suspendeu todas as licenças e é impossível entrar na Serra Cabeluda. A providência destina-se a conter a possibilidade de um êxodo histórico em direção à região e, também, prevenir a possibilidade de explorações desordenadas na Serra Cabeluda. Até a semana passada, o governo parecia disposto a não abrir a serra aos garimpeiros, assumindo todo o serviço de extração e comercialização das descobertas que nos próximos dias serão melhor estimadas pelo Departamento Nacional de Produção Mineral — que já sabe da existência, naquela área, de uma das maiores reservas de cobre do mundo.





CELO APOLINÁRIO

Mina de Morro Velho (MG): propriedade da África do Sul

ro no rio das Velhas, em Minas Gerais, e nada disse por quase vinte anos. Na lenda recente, assegura-se que Ceará e seus amigos encheram 1 galão de óleo com ouro. Nessa fábula do Eldorado conta-se que coletavam de 20 a 25 quilos por dia e, quando o galão encheu, em abril, pesava 600 quilos, metade dos quais teria partido com o lendário personagem.

A história de Ceará talvez se esvaíse se há algumas semanas, num buraco que hoje é conhecido como Grota Milionária, não tivesse sido achada a pepita de 6,7 quilos, comprada pela Docegepo por 4,2 milhões de cruzeiros. Um dos garimpeiros que a tiraram do chão, Deoclides Alberto de Lima, foi para Marabá, onde circula de calção, pasta de executivo e carrega pendurado num cordão um talismã com 22 quilates de ouro ao qual atribui sua riqueza.

Depois de vagar por centenas de garimpos desde que deixou o Amapá, há quarenta anos, Deoclides acertou sua vida e parece disposto a viver com a parte que lhe coube da pepita. Enfrentando a fama que acompanha os novoricos, já estabeleceu na cidade sólida reputação de sovina e é capaz de discutir 10 minutos com um motorista de táxi por uma corrida de 600 cruzeiros.

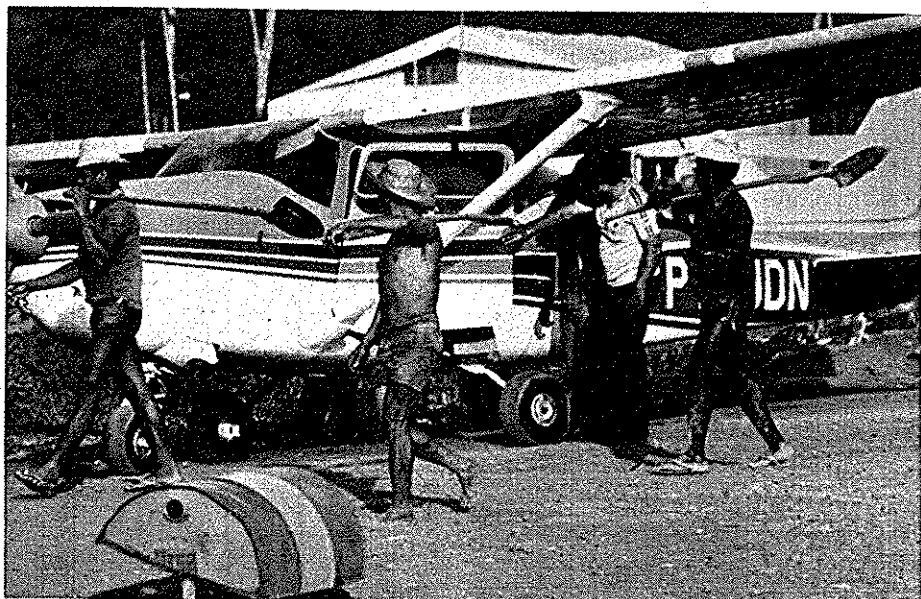
CIDADE VAZIA — A vida no garimpo, contudo, não é fácil para todos os que chegam. Ela é boa em primeiro lugar para quem conseguiu a licença do Departamento Nacional da Produção

Mineral, do Ministério das Minas e Energia, para minerar. Quem não conseguiu tem que trabalhar e dividir os achados. Cláudio Antônio Esselin, um caixeiro viajante de Goiânia, tem licença e, com os 110 000 cruzeiros do seu Fundo de Garantia, comprou 25 metros de terra perto da Grota Milionária. Garimpou 25 dias com quatro ajudantes e tirou 156 gramas de ouro, até que resolveu comprar mais 60 metros de terra e achou 660 gramas. Hoje ele tem trinta empregados que lhe custam 5 000 cruzeiros por dia em comida, mas garante que em um mês tira 2 quilos de ouro. Para isso, conta com a

ajuda de um motor para lavar cascalho.

A maioria dos garimpeiros que bateram na serra vem do nordeste, sobretudo do Maranhão. De cada dez, oito se chamam Raimundo ou José. Não usam sobrenome e, em média, têm 33 anos. Segundo os dados fornecidos por 6 000 garimpeiros registrados à Secretaria da Receita Federal, só um em dez é profissional do ramo. Os outros foram chamados pelo grito do ouro. Uns são serventes e outros profissionais liberais, como o pretor de Marabá, que fechou a comarca da cidade e foi ao ouro. Marabá esvaziou-se. Faltam pintores para reformar a agência do Banco do Brasil, as obras pararam e o comércio não tem mais vendedores. A intervenção do governo, se de um lado cercou os garimpos próximos e limitou o acesso aos buracos, de outro racionalizou, pela primeira vez na história da mineração nacional, a exploração das jazidas. Três mil pessoas foram expulsas da área, numa enxurrada que reuniu jogadores, pistoleiros e vendedores de maconha. O clima de desordem dos campos de ouro é lentamente disciplinado. Há algumas semanas os garimpeiros são reunidos em grupos para ouvir palestras a respeito da importância do trabalho de mineração e, diariamente, milhares de Raimundos e Josés cantam o Hino Nacional enquanto é hasteada a bandeira num ponto central da jazida.

ESCOLTA POLICIAL — Além de noções de civismo, o governo desembarcou em Serra Pelada com atividades bem mais práticas. O armazém da Co-



CARLOS NAMBA

Os pequenos aviões cobram 4 000 cruzeiros por 15 minutos de voo

bal pulverizou a atividade dos mascates. Um litro de óleo custava 150 cruzeiros e agora é vendido, como todas as outras mercadorias, a 45, segundo os preços de Brasília. Em poucas semanas esse galpão tornou-se o 13.º na lista de 232 que a Cobal mantém no país. Fatura 350 000 cruzeiros por dia e movimenta 13 toneladas de alimentos. Ao mesmo tempo, graças à Caixa Econômica, foi varrido o dízimo que se pagava ao dono das terras sobre a produção, bem como a taxa de 8 gramas de pedágio pelo uso da pista de pouso.

O governo, tão freqüentemente responsabilizado pela pobreza geológica do país, parece inebriado com o sucesso da sua competente aparição em Serra Pelada. De um lado, abre-se uma estrada até o garimpo. De outro, vacinam-se 12 mil pessoas contra a febre amarela e a meningite. Em troca, recebem-se não apenas 26 quilos de ouro por dia, mas também o reconhecimento de velhos garimpeiros, para quem o governo, em todas as suas vidas, foi sinônimo de polícia. Em Brasília, onde o Conselho de Segurança Nacional trata rotineiramente da operação, ainda há oficiais capazes de lembrar as primeiras notícias de Serra Pelada, quando, impotentes, sabiam que pequenos aviões estrangeiros, que adquirem o direito de voar pelo país mediante o pagamento de uma pequena taxa à Diretoria da Aeronáutica Civil (DAC), pousavam e decolavam da região. Agora, só sai ouro de Serra Pelada sob escolta policial, com destino a Belém, onde ele é fundido e remetido à Casa da Moeda, de onde vai para os depósitos do Banco Central.

Serra Pelada, com a possibilidade de render 12 toneladas por ano, é uma jazida que se comparará, ainda que por pouco tempo, pois o ouro de aluvião acaba logo, a uma mina média sul-africana, como a Welkon. Lá, o ouro é apanhado com cascalho no leito de um riacho, ou em formações semelhantes às de calcário, nas grotas. Tanto o cascalho quanto as pedras, depois de esfarelados, são jogados em peneiras finas e, com água, o metal fica no fundo. Essas peneiras chamam-se bateias, como há 200 anos. Na realidade, os garimpeiros de hoje trabalham com a mesma técnica e as mesmas peneiras que os escravos das minas do século XVII.

QUADRILÁTERO AURÍFERO — Há 200 anos o Brasil era o maior produtor de ouro do mundo, posição que manteve até a metade do século passado,

quando foi batido pela Rússia. A dominação colonial, contudo, custou ao país entre 1 000 e 1 500 toneladas de ouro e jazidas esgotadas. Hoje, acredita Edson Suszcynski, diretor de pesquisas da Companhia de Pesquisas de Recursos Minerais, que com técnicas modernas e investimentos, o potencial do país pode chegar a 40 000 toneladas, o que não significa que haja isso tudo à espera de garimpeiros ou máquinas num espaço curto de tempo. Ele argumenta que “o quadrilátero ferrífero de Minas Gerais deveria ser chamado de quadrilátero aurífero, pois ali há mais ouro primário que na região sul-africana de Witwatersrand. Trata-se de metal escondido em grandes profundidades, o ouro caro”.

Segundo Suszcynski, o Brasil pode

te de um cenário tão antigo quanto romântico, povoado de Cearás e da legião de homens da fortuna que sonham com a riqueza fácil. De vez em quando, essa fortuna acontece. E ela aconteceu na serra, tanto no momento em que um mineiro anônimo baixou sua bateia antes de sacudi-la quanto na do viandante que lhe ofereceu um relógio Seiko pelo conteúdo, no escuro. Feito o negócio, o garimpeiro ficou de relógio ao pulso e o viandante foi em frente com 16 gramas de ouro.

Num país onde a falta de petróleo gera simultaneamente a crença megalomaniaca segundo a qual amanhã poderá ser encontrada uma Arábia Saudita de baixo de uma sonda da Petrobrás, e um ceticismo deprimente segundo o qual os anúncios de descoberta de ri-



GRAVURA DE J. B. DEBRET



CARLOS NAMBA

No Brasil colônia, os mesmos métodos dos garimpeiros de hoje

procurar ouro em Minas, no Amapá, na continuação sul da faixa aurífera das Guianas, na região do rio Tapajós, onde está Serra Pelada, no rio Cuiabá e, ainda, na serra da Jacobina, na chapada Diamantina da Bahia e no norte ocidental de Goiás. Essas indicações confirmam-se quando se sabe que nos últimos anos, sobretudo com os ventos que libertaram a Rodésia, Angola e Moçambique, capitais mineradores sul-africanos entram aos poucos no Brasil. Enquanto a De Beers, a maior empresa de diamantes do mundo, começou a atuar no país, a Anglo American, a maior proprietária de minas de ouro da África do Sul, tornou-se sócia da velha mina de Morro Velho, num negócio com os banqueiros Júlio Bozzano e Mário Henrique Simonsen.

Serra Pelada e o ouro da Amazônia, porém, não entram na crônica da moderna exploração do metal. Fazem par-

tezas são propaganda oficial, Serra Pelada é uma lição de ouro. Em primeiro lugar, porque finalmente a geologia nacional ofereceu uma boa notícia. Não se trata de um milagre, nem a economia nacional mudará em função dos buracos abertos na montanha, mas pela primeira vez em centenas de anos o governo conseguiu domar o cavalo bravo da mineração avulsa. Achou-se uma grande jazida e conseguiu-se o mais importante: garantir o controle da produção e a segurança dos garimpeiros. Quebrou-se, enfim, a escrita secular do jesuíta João Antônio Andreoni, que, em 1711, sob o nome de André João Antonil, escreveu no seu livro “Cultura e Opulência do Brasil”: “Foi sempre fama constante que no Brasil havia minas de ferro, ouro e prata. Mas também houve sempre bastante descuido de as descobrir e de aproveitar-se delas”.